



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**NARRATIVAS ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO NA CAMPANHA AO
MONUMENTO DA “MÃE PRETA”: PEDAGOGIAS DA IMPRENSA
NEGRA (*O EXEMPLO*, 1920-1930)**

Maria Angélica Zubaran*

O presente estudo analisa as narrativas em defesa da construção de um monumento em homenagem à “Mãe Preta” no jornal *O Exemplo*, em *Porto Alegre*, no Rio Grande do Sul (1892-1930). Pretende-se mapear, discutir e problematizar as representações étnico-raciais e de gênero mais recorrentes produzidas nesse artefato cultural. Busca-se demonstrar que a imprensa negra do Rio Grande do Sul participou do trânsito e intercâmbio de ideias em torno da construção do monumento à “Mãe Preta” e se articulou a um fluxo diaspórico e híbrido de trocas culturais na década de 1920. Portanto, o objetivo desse trabalho é investigar a imprensa negra do Rio Grande do Sul, mais especificamente, o jornal *O Exemplo* e avaliar de que forma os afro-rio-grandenses estrategicamente se apropriaram do debate cultural gerado em torno da construção do monumento à “Mãe Preta” no Rio de Janeiro.

Na perspectiva da História Cultural, considera-se o jornal *O Exemplo* como um espaço de troca de ideias e de apropriações culturais de textos que circularam em jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Por outro lado, a partir da abordagem teórica dos Estudos Culturais, entende-se a imprensa negra como um artefato cultural, que não apenas

* Doutora em História pela State University of New York (SUNY) at Stony Brook. Profa. Adjunta da Universidade Luterana do Brasil. Email:angeliczubaran@yahoo.com.br

informa, mas que produz representações e significados que contribuem na constituição de subjetividades e de identidades. Nesta direção, Tomaz Tadeu da Silva afirma que tal como a educação, outras instâncias culturais (entre elas o jornal) também são pedagógicas, também têm uma pedagogia, também ensinam coisas. Tanto a educação como a cultura em geral estão envolvidas em processos de formação dos sujeitos (SILVA, 2004, p.139).

Em termos teórico-metodológicos, trata-se de uma pesquisa de história regional, que se dá em uma perspectiva interdisciplinar, que articula os campos teóricos da História Cultural e dos Estudos Culturais. Na perspectiva da História Cultural, aproprio-me do conceito de apropriação cultural, conforme desenvolvido por Roger Chartier (ano), para compreender as diversas formas que os diferentes sujeitos interpretam os textos que circulam na cultura, atribuindo-lhes múltiplos significados e sentidos.

A partir da abordagem teórica dos Estudos Culturais dialoga-se com as teorizações de Stuart Hall sobre os conceitos de "raça", identidade e diáspora. De acordo com Hall (2005) "o significante "raça" é um conceito classificatório importante no sistema da construção da diferença, um "significante flutuante", "deslizante", significando diferentes coisas em diferentes épocas e lugares.

Por outro lado, Stuart Hall argumenta que a identidade é um desses conceitos que operam "sob rasura", no sentido de que é uma ideia que não pode ser pensada de forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser pensadas. O autor afirma que em contraste com o senso comum, que constrói a identidade a partir do reconhecimento de alguma origem comum, a abordagem construtivista vê a identidade como uma construção, como um processo nunca completo, como "algo sempre em processo" e alojado na contingência histórica. Portanto, conforme coloca Hall, o conceito de identidade não tem tanto a ver com aquilo que nós somos ou de onde viemos, mas muito mais com aquilo que nos tornamos.

Hall argumenta ainda, que na construção das identidades negras é fundamental o entendimento da diáspora negra, uma vez que é no espaço do "Novo Mundo" que as crioulizações, assimilações, sincretismos, hibridismos são negociados e onde os negros constroem suas identidades culturais. Como afirma Hall, na lógica cultural da diáspora as culturas são irremediavelmente impuras, marcadas pelo hibridismo, pela mistura, que vem de novas e inusitadas combinações de pessoas, culturas, ideias, políticas, filmes, canções. Neste sentido, as formas híbridas das identidades negras requerem uma noção

de identidade que funcione para além da forma excludente dos binarismos “nós” e “eles” e que considere outras possibilidades de construções identitárias que possam coexistir simultaneamente, tais como as aspirações dos afro-brasileiros de inclusão na nação, como cidadãos brasileiros e como negros descendentes de africanos.

INTERCÂMBIOS CULTURAIS NA IMPRENSA NEGRA BRASILEIRA

José Antônio dos Santos (2011) e Amilcar Araújo Pereira (2013) analisaram a circulação de ideias entre a imprensa negra dos EUA e a imprensa brasileira no início do século XX. José Antônio dos Santos argumenta que na década de 1920, os redatores da imprensa negra meridional estabeleceram trocas transnacionais com a imprensa negra dos EUA, inclusive com a troca de exemplares entre o *Chicago Defender* e o *Clarim da Alvorada* da imprensa negra de São Paulo. Nessa mesma direção, Pereira (2013) aponta que “a partir de 1920 e também na década de 1930, a circulação de informações na diáspora negra se ampliou muito” (p. 149). De acordo com o autor, a década de 1920 foi um momento de grande intercâmbio cultural entre a imprensa negra afro-americana e a afro-brasileira, momento em que os norte-americanos olharam com interesse para as relações raciais no Brasil.

De acordo com Miriam Ferrara (1986), os primeiros jornais negros do Brasil datam do final do século XIX e estão vinculados ao contexto imediato do pós-abolição, em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Sul e reúnem um grande número de temáticas, com especial atenção à educação, à moralização dos costumes e o combate ao preconceito racial. Para José Antônio dos Santos, “a ideia central que definiu a imprensa negra foi a capacidade dos redatores em tornar os periódicos os principais meios de comunicação e protesto em defesa dos negros” (SANTOS, 2011, p. 150). Na mesma direção, Maria Angélica Zubaran, apontou que os jornais da imprensa negra no Brasil nos séculos XIX e XX, foram publicados por negros e “mulatos livres” pertencentes à pequena elite negra das áreas urbanas, para combater o preconceito e lutar pelos seus próprios direitos (2008, p.163).

Como afirma Roberto Santos (2007), além do jornal *O Exemplo* (Porto Alegre, 1892-1930), houve uma série de outros jornais produzidos por negros no Rio Grande do Sul: *A Cruzada* (Pelotas, 1905), *A Alvorada* (Pelotas, 1907-1965), *A Revolta* (Bagé,

1925), *A Navalha* (Santana do Livramento, 1931), *O Tição* (Porto Alegre, 1978), o *Folhetim do Zaire* (Porto Alegre, 1982-2005).

A análise que apresento a seguir é uma interpretação inicial das coleções do jornal *O exemplo*, sem a pretensão de esgotar essa temática tão rica e complexa. O foco desse estudo são as representações étnico-raciais e de gênero produzidas no jornal negro *O Exemplo*, em Porto Alegre, no contexto da campanha para a construção de um monumento em homenagem à “Mãe Preta”.

As historiadoras norte-americanas Micol Seigel (2007) e Paulina Alberto (2011) analisaram as narrativas e representações produzidas em torno da construção do monumento à “Mãe Preta” na imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo. Micol Seigel (2007), a partir de uma perspectiva transnacional, analisou as trocas culturais entre a imprensa afro-americana, do *Chicago Defender*, e os jornais brasileiros *A Notícia* (RJ) e *O Clarim d’Alvorada* (SP). De acordo com Seigel, a proposta da construção de um monumento à “Mãe Preta” começou nos EUA, quando “as *daughters of the American Confederacy* (filhas dos confederados norte-americanos) propuseram a construção de uma estátua para a *Mammy* na capital dos Estados Unidos” (p. 314). A autora aponta que quase três anos depois, em 1926, a campanha se estendeu para a imprensa do Rio de Janeiro, no jornal *A Notícia*, através de seu redator Cândido de Campos, que passou a defender a construção de um monumento à “Mãe Preta” como forma de celebrar a mistura racial que no Brasil teria contribuído para o estabelecimento de uma fraternidade racial na formação da identidade nacional brasileira. No entanto, como sublinha a autora, com a revolução de 1930, a mobilização foi abandonada e o monumento só foi inaugurado em São Paulo em 1953, durante o governo de Jânio Quadros na prefeitura da cidade.

Paulina Alberto (2011) analisou as narrativas e representações da “Mãe Preta” em sua tese de doutorado, depois publicada em livro, intitulada *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil*. A autora salientou que os proponentes brancos da estátua da mãe preta no Rio de Janeiro publicamente defenderam uma identidade nacional misturada em 1926. Na mesma direção de Seigel, também Alberto argumenta que a campanha do monumento a “Mãe Preta” foi o começo de uma importante mudança na forma como a elite brasileira pensava sobre raça, tornando possível imaginar os afrodescendentes como parte integral da nação.

“RAÇA” E GÊNERO NA IMPRENSA NEGRA DO RIO GRANDE DO SUL: O JORNAL *O EXEMPLO*

A seguir demonstrarei como as narrativas da campanha para a construção de um monumento à “Mãe Preta” foram apropriadas e ressignificadas pelas lideranças negras do jornal *O Exemplo* e apontarei as representações étnico-raciais e de gênero mais recorrentes nessas narrativas, assim como, as possíveis pedagogias culturais colocadas em circulação. Antes, faço uma breve apresentação do jornal *O Exemplo*.

O jornal *O Exemplo* apareceu em Porto Alegre, em 11 de dezembro de 1892, como “Propriedade de uma Associação” que segundo Liane Müller tratava-se da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. O jornal foi fundado por um grupo de jovens negros, “moços esperançosos e ávidos de justiça”, que costumavam reunir-se em uma barbearia, o *Salão Calixto*, situado à Rua dos Andradas no. 247, no centro da cidade de Porto Alegre. O jornal circulou, com algumas interrupções, de 1892 até 1930, cobrindo um período de 37 anos dedicado à história e à cultura do negro no Brasil meridional.

Em 13 maio de 1926, o jornal *O Exemplo* publicou duas colunas sobre a “Mãe Preta”. Uma das colunas apoiava a campanha iniciada no jornal *A Notícia* do Rio de Janeiro e cumprimentava o jornalista Cândido de Campos pela iniciativa, demonstrando o trânsito e intercâmbio de ideias entre o jornal carioca e o jornal *O Exemplo*. Mário Rodrigues, que assinava o artigo, reproduzia as noções veiculadas naquele jornal, da “Mãe Preta” como “abnegada”, “exemplo de resignação e doçura”, um “império de fidelidade” (*O Exemplo*, 13/maio/1926). Conforme apontou Alberto (2011), a passividade e a submissão eram atributos que interessavam aos intelectuais brancos salientar após o desencantamento com os trabalhadores estrangeiros, que protestaram contra seus patrões nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, a outra coluna, no mesmo exemplar do jornal, intitulada “Em gratidão à Mãe Preta”, assinada com o pseudônimo Bargioras, revelava outro tom: a “Mãe Preta” era representada como “a injustiçada de mesquinhos preconceitos de raça, proscrita nas leis, sem direitos” e construía-se a ideia do monumento como uma dívida da nação para “com os africanos que outrora, há bem pouco tempo, nas lavouras sustentaram com mão de ferro a riqueza econômica do Brasil”. (*O Exemplo*, 13/maio/1926). Essa retórica da contribuição do trabalho negro na década de 1920 aparecia como um contraponto à discriminação dos nacionais no mercado de trabalho e à

preferência pelos trabalhadores imigrantes europeus, continuamente representados como bons trabalhadores em oposição aos nacionais que eram representados de forma negativa.

Meses mais tarde, em novembro de 1926, o jornal *O Exemplo* voltava a referir-se ao Monumento à “Mãe Preta”, reproduzindo na primeira página sob o título “o monumento da gratidão nacional” o discurso do deputado do Rio Grande do Norte, Georgino Avelino, dirigido ao presidente da Câmara, concitando-o a apoiar a iniciativa do jornal *Notícia* para a construção de um monumento à Mãe Preta. O deputado Avelino ao longo de seu discurso construía a noção de uma “raça brasileira”, “nova e pujante”, formada pela integração de “raças estranhas”. Para Georgino Avelino:

Foi nos pontos de atividades, constituído pelas fazendas e pelos engenhos, nesses pontos de centralização de homens de várias cores e estaturas, hábitos, línguas e ideologias que o espírito das três raças estranhas pela primeira vez gerou a alma da nova raça brasileira, que imprime fisionomia típica e particular a nossa evolução coletiva. (*O Exemplo*, 7/11/1926).

O deputado Avelino somava à ideia de uma nova raça brasileira, a noção de um espírito brasileiro, no qual as três raças, brancos, negros e indígenas, conviviam sem hierarquias, antecipando a noção da democracia racial em meados dos anos de 1920:

A diferença das hierarquias sociais pelas quais se achavam distribuídas em proporções diferentes os diversos grupos étnicos foi anulada pela definição inalterável do tipo espiritual brasileiro, em cuja fisionomia, brancos, pretos e selvícolas se reconhecem condensados em um parentesco indissolúvel. (*O Exemplo*, 14/11/1926).

Na década de 1920, pensadores e políticos brasileiros, no contexto de um emergente nacionalismo cultural pós Primeira Guerra Mundial, passaram a relativizar a importância do trabalho do imigrante e a valorizar o trabalho e a integração da “raça preta” na nação. Entre eles, estava o deputado Avelino, que assim se expressou:

A integração da raça preta na história do Brasil não se fez só porque com a extinção da escravatura a tenhamos trazido a uma situação política de igualdade de direitos. Incineramos os documentos relativos à escravidão, mas aceitamos com satisfação subalterna que nos afirmem que o surto industrial brasileiro provém dos italianos, dos alemães, dos espanhóis que colaboram conosco para elevar o padrão de nosso trabalho e da nossa produção, quando as riquezas ainda são basicamente as culturas antigas que os brasileiros estabeleceram com o concurso do escravo amigo e fiel (*O Exemplo*, 14/11/1926).

Na direção apontada por Siegel (2007) e Alberto (2011), observa-se também nas narrativas da imprensa negra porto-alegrense, a presença de um discurso de harmonia e fraternidade racial, semelhante às noções que circularam no jornal *A Notícia* do Rio de Janeiro e no jornal *O Clarim da Alvorada* de São Paulo.

Em 13 de maio de 1928, em uma nova coluna sob o título “Mãe Preta”, Leandro Pierini, vice-diretor do grupo mantenedor do jornal *O Exemplo*, reafirmava a ideia do monumento como uma dívida de gratidão da nação e apropriava-se da noção de uma convivência racial igualitária no Brasil, “em que todos os cidadãos tinham os mesmos direitos” para requerer o desaparecimento dos “últimos resquícios de preconceitos infundados”. Assim se manifestou:

O Brasil não resgatou ainda, *in totum*, sua dívida imensa de gratidão para com uma raça modesta e afetiva, humilde e boa, que muito deu e pouco, bem pouco, tem pedido a pátria madrastra: a raça preta. Esse pagamento impõe-se. Com ele e por ele faremos desaparecer, de uma só vez, os últimos resquícios de um preconceito infundado, que a nossa história não endossa, a nossa legislação não homologa e que a nossa índole repele. Perante a Lei soberana e dentro da consciência nacional, todos os cidadãos têm os mesmos direitos e obrigações, deveres e regalias (Leandro Pierini, *O Exemplo*, 1928, p. 2).

Ainda no mesmo artigo, Leandro Pierini apropriou-se dos versos do poeta Medeiros e Albuquerque, autor do Hino da Proclamação da República, para salientar a ideia de uma nação de irmãos e enfatizar noções de fraternidade entre todos os brasileiros, conforme segue:

Nós nem cremos que escravos outrora
Tenha havido em tão nobre país
Hoje o rubro lampejo da aurora
Acha irmãos, não tiranos hostis.

O fato das lideranças negras apresentarem o Brasil como um lugar onde brancos e negros eram irmãos, por meio de relações compartilhadas com uma “Mãe Preta” simbólica, desafiava as visões anteriores de um Brasil embranquecido. Vale destacar que no Brasil, assim como no resto da América Latina, a primeira guerra mundial ajudou a impulsionar o orgulho nacionalista entre pensadores brasileiros. Esses sentimentos ganharam completa expressão com a semana de arte moderna de São Paulo em 1922. Intelectuais como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral propuseram novas visões da cultura nacional que rejeitaram as teorias raciais européias. Nesta direção,

também nas colunas do jornal *O Exemplo*, a “Mãe Preta” foi representada como um ícone de uma raça nacional misturada.

Considero também neste estudo, a contribuição dos Estudos de Gênero para relativizar, tensionar e problematizar as questões relacionadas às representações atribuídas à “Mãe Preta”. Os estudos de Joan Scott (1995) e Louro (1997) têm contribuído para rejeitar o determinismo biológico e para o entendimento do conceito de gênero como uma categoria culturalmente constituída e relacional. Conforme Joan Scott (1995), a categoria gênero é utilizada para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é, necessariamente, informação sobre os homens. Essa ideia relacional afasta o binarismo entre pólos opostos e tem como foco o estudo das construções sociais do masculino e do feminino.

Na figura da “Mãe Preta”, as mulheres negras foram representadas como submissas e dependentes, mantendo-se uma retórica maniqueísta própria do racismo biológico e determinista do final do século XIX. Ademais, a “Mãe Preta” continuava figurando em um papel passivo e em um universo de sofrimentos e sacrifícios. Em artigo intitulado “*Mãe Preta*”, publicado no jornal *O Exemplo* em 1926, Mário Rodrigues representava a “Mãe Preta” como “um tipo abnegado”, cujos gestos e atitudes emanavam uma “paciência heróica”, um “exemplo de resignação e doçura, de pureza e altruísmo”, um “império de fidelidade” (*O Exemplo*, 26/maio/1926).

Também a coluna de Leandro Pierini, em maio de 1928, ao conclamar os leitores para a construção do monumento, estereotipava a imagem da “mãe preta” como mulher submissa. Ele afirmava: “Conseguiremos esse *desideratum*, não há dúvida, concretizaremos no bronze ou no granito eterno a figura amorosa e submissa da mãe preta”. Neste sentido, na direção apontada por Hall (1997), as representações da “mãe preta” na imprensa negra porto-alegrense ainda que idealizadas, permaneciam estereotipadas, pois persistiam as imagens de humildade, bondade e submissão típicas da representação do “nobre selvagem” do final do século XIX ou o estereótipo da “mãe preta” fiel e abnegada.

A “Mãe Negra” não foi apenas representada em termos de suas características essenciais, mas também foi reduzida a sua essência, à sua submissão e a sua fidelidade às famílias de seus senhores e senhoras brancas, conforme se observa na narrativa que segue:

No lar era ela a paciência e a bondade. Tinha pela família a quem pertencia apego e amor, pelo sinhô moço ou pela sinhazinha desvelos

frementes e cálidos anseios, próprios de mãe legítima e a eles dedicava-se com a submissão resignada e reverente dos seres afetivos e simples.

Observa-se que o redator naturaliza o trabalho submisso e subserviente da “Mãe Preta” em um cenário de relações raciais fraternas entre as “mães pretas” e seus senhores e senhoras brancas, escamoteando a violência e a desigualdade de poder que marcaram essas relações, como o têm demonstrado a historiografia sobre a escravidão no Brasil. Nesta mesma matéria, a “Mãe Preta” foi também representada como naturalmente conformada com seu mundo de privações e impotente diante das “durezas do cativo”. Ela naturalmente suporta o martírio e a dor como se observa no excerto a seguir:

Foi escrava. Passou por todas as provações, por todos os martírios e por todas as durezas do cativo. Devia ser por isso má e perversa, cheia de ódio contra a raça escravizadora. Não o foi, porém. Soube apesar de tudo amar e querer bem a quem lhe tirara o direito de ser livre. Trabalhou e sofreu. Pela dor dignificou-se, tornou-se grande e heróica, suportou o martírio e conquistou a veneração do Brasil (...). Este Brasil saberá perpetuar a memória da Mãe Preta num monumento digno e eterno. (*O Exemplo*, 1928)

Neste sentido, as narrativas em defesa da construção do monumento à “Mãe Preta” produziram um efeito pedagógico marcante: construir um monumento para reverenciar a memória coletiva de todos aqueles que, como a “Mãe Preta”, suportavam com passividade e submissão os martírios do cativo.

Entretanto, observou-se certa ambivalência nas representações de gênero da “Mãe Preta”, pois sua imagem também foi apropriada para tecer críticas ao preconceito racial e à ausência de direitos legais das mulheres negras na sociedade. O articulista Mário Rodrigues representou a Mãe Preta como: “(...) injustiçada de mesquinhos preconceitos de raça, proscria, descoroada das leis, sem direitos...”. Também na imagem selecionada pelo jornal *O Exemplo* para representar visualmente a “Mãe Preta”, pode-se observar uma apropriação particular da imagem da “Mãe Preta” pelos redatores do *Exemplo*. A imagem escolhida pelo *Exemplo* inseria a imagem da criança negra abandonada na iconografia tradicional da “Mãe Preta” e transformava o monumento em uma lembrança do sofrimento da “Mãe Preta” no Brasil.



Fig 1 – Imagem da “Mãe Preta”
Fonte: O Exemplo, 13/maio/ 1926, p. 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os redatores do jornal *O Exemplo* apropriam-se da noção da fraternidade racial entre brancos e negros, disseminadas na “grande imprensa” carioca, para salientarem as contribuições positivas dos negros na sociedade e na identidade brasileira, marcando uma significativa mudança na ideologia do branqueamento na década de 1920. Por outro lado, na direção apontada por Alberto (2011), a “Mãe Preta” foi representada como mãe de duas raças distintas, mas igualmente brasileiras, a branca e a negra, cujos membros tinham trabalhado lado a lado “pela grandeza do Brasil”, construindo a ideia de uma identidade brasileira híbrida.

Vale destacar ainda, na direção apontada por Siegel () e Alberto (), que os jornalistas do jornal *O Exemplo*, ao representarem o Brasil como um lugar onde duas raças distintas, brancos e negros, por meio de relações compartilhadas com uma “Mãe Negra” simbólica, eram irmãos, anteciparam as noções de democracia racial articuladas por Gilberto Freyre na década de 1930. Por outro lado, na campanha para a construção do monumento à “Mãe Preta” no jornal *O Exemplo* se observam representações de gênero ambivalentes. Se por um lado, os jornalistas negros mantiveram antigos estereótipos de mulheres negras humildes e submissas, de outro lado, apropriaram-se das imagens de

sacrifício e dor atribuídas à “Mãe Preta” para lutar contra os preconceitos e o racismo que impediam e ainda impedem o acesso das mulheres negras à plena cidadania brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTO, L. Paulina. *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011.

BOHRER, Felipe Rodrigues. *A Música na Cadência da História: Raça, Classe e Cultura em Porto Alegre no Pós-Abolição*. Porto Alegre: UFRGS, 2014. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

DOMINGUES, Petrônio. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 16, n. 30, de. 2009, p. 215-250.

FERRARA, Miriam Nicolau. *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

_____. Raça, Cultura e Comunicações: olhando para trás e para frente dos Estudos Culturais. Tradução de Helen Hughes. *Projeto História*, vol. 31, (2005), p. 1-11.

LOURO, Guacira. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MÜLLER, Liane Susan. *As Contas do Meu Rosário São Balas de Artilharia: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

PEREIRA, Amilcar Araújo. *O Mundo Negro: Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas/ FAPERJ, 2013.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa Negra no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SANTOS, José Antônio dos. Uma Arqueologia dos Jornais Negros no Brasil. *História*. Rio Grande, 2 (3): 143-160, 2011a, p. 143-160.

_____. *Prisioneiros da História. Trajetórias Intelectuais na Imprensa Negra Meridional*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011b, Porto Alegre, Brasil.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SEIGEL, Micol. *Uneven Encounters: Making Race and Nation in Brazil and The United States*. Durham and London : Duke University Press, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis; Vozes, 2000.

XAVIER, Regina Célia Lima. Raça, Classe e Cor: Debates em Torno da Construção de Identidades no Rio Grande do Sul no Pós-abolição. IN: FORTES, Alexandre et al. (Orgs). *Cruzando Fronteiras: novos olhares sobre a história do trabalho*. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2013 ZUBARAN, Maria Angélica. A produção da identidade afro-brasileira no pós-abolição: Imprensa negra em Porto Alegre (1902-1910). *Revista de Iniciação Científica da Ulbra*, Nº 5, 2006, p. 145-156.

_____. Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 161-187, jul. 2008, 161-187.

O Exemplo, 13/05/1926; *O Exemplo* 07/11/1926; *O Exemplo* 14/11/1926; *O Exemplo* 13/05/1928.

